

Conhecimento, atitude e prática das adolescentes em uma comunidade terapêutica acerca do uso de preservativo

Knowledge, attitude and practice of adolescents in a therapeutic community about condom use

Conocimiento, actitud y práctica de los adolescentes en una comunidad terapéutica sobre el uso del preservativo

RESUMO

Objetivo: Avaliar os fatores associados ao conhecimento, atitude e prática das adolescentes acolhidas em uma comunidade terapêutica. **Método:** Estudo quantitativo descritivo, do tipo inquérito Conhecimento, Atitude e Prática, realizada com 42 adolescentes da Comunidade Terapêutica Associação Paz em Cristo, com idade entre 11 e 17 anos de idade, no período de março a outubro de 2022, em Marechal Deodoro, Alagoas. **Resultados:** Foi evidenciada precocidade na iniciação sexual, que atualmente 57,14% estudados, 100% tem conhecimento sobre a importância do preservativo, mas apenas 31,43% fazem uso em todas as relações sexuais. **Conclusão:** O conhecimento, a atitude e a prática das adolescentes são influenciadas pela vulnerabilidade, iniciação sexual precoce, escolaridade e uso de drogas. Assim, torna-se indispensável as ações educativas promovidas pelas instituições de ensino e de saúde, promovendo orientações acerca da educação sexual, com apoio da comunidade e dos profissionais de saúde.

DESCRIÇÕES: Adolescentes; Conhecimento; Atitude; Prática; Preservativos.

ABSTRACT

Objective: To evaluate the factors associated with the knowledge, attitude and practice of adolescents welcomed in a therapeutic community. **Method:** Descriptive quantitative study, type survey Knowledge, Attitude and Practice, conducted with 42 adolescents from the Therapeutic Community Association Peace in Christ, aged between 11 and 17 years, from March to October 2022, in Marechal Deodoro, Alagoas. **Results:** Precocity in sexual initiation was evidenced, which currently 57.14% studied, 100% have knowledge about the importance of condoms, but only 31.43% make use in all sexual relations. **Conclusion:** The knowledge, attitude and practice of adolescents are influenced by vulnerability, early sexual initiation, schooling and drug use. Thus, the educational actions promoted by educational and health institutions become indispensable, promoting guidance on sexual education, with the support of the community and health professionals.

DESCRIPTORS: Adolescents; Knowledge; Attitude; Practice; Condoms.

RESUMEN

Objetivo: Evaluar los factores asociados al conocimiento, actitud y práctica de los adolescentes acogidos en una comunidad terapéutica. **Método:** Estudio cuantitativo descriptivo, encuesta tipo Conocimiento, Actitud y Práctica, realizado con 42 adolescentes de la Asociación Comunidad Terapéutica Paz en Cristo, con edades comprendidas entre 11 y 17 años, de marzo a octubre de 2022, en Marechal Deodoro, Alagoas. **Resultados:** Se evidenció la precocidad en la iniciación sexual, que actualmente el 57,14% estudió, el 100% tiene conocimiento sobre la importancia del preservativo, pero sólo el 31,43% hace uso en todas las relaciones sexuales. **Conclusión:** El conocimiento, la actitud y la práctica de los adolescentes están influenciados por la vulnerabilidad, la iniciación sexual temprana, la escolaridad y el consumo de drogas. Así, las acciones educativas promovidas por las instituciones educativas y de salud se vuelven indispensables, promoviendo la orientación en educación sexual, con el apoyo de la comunidad y los profesionales de la salud.

DESCRIPTORES: Adolescentes; Conocimiento; Actitud; Practicar; Condones.

RECEBIDO EM: 07/10/2022 APROVADO EM: 07/11/2022

Ianne Jesus Santana

Acadêmico do Curso de Medicina do Centro Universitário Tiradentes (UNIT-AL).
ORCID: 0000-0002-3445-8189

Pedro Vitorino Almeida

Acadêmico do Curso de Medicina do Centro Universitário (UNIT-AL).
ORCID: 0000-0003-3682-8136

Rebeca Apolinário Sousa

Acadêmico do Curso de Medicina do Centro Universitário (UNIT-AL).
ORCID: 0000-0003-2966-5690

Sara Mikaele Souza Santos

Acadêmico do Curso de Medicina do Centro Universitário Tiradentes (UNIT-AL).
ORCID: 0000-0003-2064-9328

Mateus Araújo dos Santos

Acadêmico do Curso de Medicina do Centro Universitário Tiradentes (UNIT-SE).
ORCID: 0000-0003-2856-1590

Bertine Mota Malta Brandão Nunes

Preceptora do Curso de Medicina do Centro Universitário (UNIT-AL). Graduação em medicina pela Universidade Federal de Alagoas- UFAL com pós graduação em Clínica Médica, Medicina de Família e Comunidade, Acupuntura e Medicina do Tráfego.
ORCID: 0000-0003-4746-9247

Valéria Antônia Pereira

Mestra em Ensino na Saúde pela FAMED -UFAL, Pós graduada em Oncologia Processos Educacionais em Saúde pelo IEP - Instituto de Ensino e Pesquisa do Hospital Sírio Libanês (SP), Especialista em Gestão em Saúde pela FIOCRUZ (Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca - RJ) e Graduada em Enfermagem pela UniFMU (SP). Docente do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e Coordenadora do Núcleo de Segurança do Paciente do Hospital Metropolitano de Alagoas.
ORCID: 0000-0001-5047-7104

Linda Concita Nunes Araújo

Doutoranda em Enfermagem e Saúde (UFBA). Mestre em Enfermagem (UFAL). Docente do Curso de Medicina do Centro Universitário Tiradentes (UNIT-AL).
ORCID: 0000-0002-2834-0336

INTRODUÇÃO

O período da adolescência é marcado pela transição entre a infância e a fase adulta. A respectiva faixa etária pode variar de acordo com a literatura adotada, sendo classificada de 10 a 19 anos seguindo a Organização Mundial de Saúde (OMS) e de 12 a 18 anos conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)¹

Nesta fase ocorrem importantes modificações decorrentes da puberdade, a exemplo de mudanças físicas, mentais e sociais que servirão para moldar o perfil desse indivíduo². Todas essas transformações influenciam nas relações sociais e familiares, além de ser nesse período que comumente ocorre a iniciação sexual¹.

O desejo de novas descobertas, por muitas vezes, leva os adolescentes a negligenciarem os cuidados acerca da própria saúde levando-os a situações de vulnerabilidade, como uso de álcool, cigarro e drogas, conduta antissocial, maus hábi-

tos alimentares e comportamento sexual de risco, aumentando os riscos de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e gravidez precoce. Apesar da grande divulgação nos meios de informação a respeito do uso do preservativo, muitos jovens ainda apresentam dúvidas concernentes as medidas preventivas³.

Para além destes fatos, em comunidades vulneráveis, o acesso aos serviços assistenciais é predominantemente ineficiente, os recursos governamentais são precários e a falta de conhecimento sobre uso correto de preservativo, tornando os jovens mais suscetíveis⁴.

Analisar os conhecimentos, atitudes e práticas de determinadas grupos populacionais apresenta uma visão holística sobre os indivíduos estudados e orienta futuras intervenções nesse meio¹. O conhecimento relaciona-se com a capacidade que o entrevistado demonstra de que detêm informações, discernimento e compreensão a respeito do assunto, demonstrando conhecimento prévio sobre

o uso do preservativo, compreendendo a sua utilidade, a prevenção de gravidez indesejada e de IST⁵.

A atitude diz respeito a compreender a importância de pôr em prática o tema abordado. Em outras palavras, a atitude demonstra que o entrevistado identifica a importância e o motivo de fazer o uso correto do preservativo. Já a prática demonstra que além do indivíduo saber a importância da atitude, ele de fato realiza e exerce o conhecimento sobre o assunto, fazendo uso de fato do preservativo⁵.

Diante da importância em compreender os aspectos sociais e individuais das adolescentes acerca do uso de preservativos, o presente estudo tem como objetivo avaliar os fatores associados ao conhecimento, atitude e prática das adolescentes acolhidas em uma comunidade terapêutica acerca do uso de preservativos.

MÉTODO

O estudo foi definido como quanti-

tativo descritivo. A coleta de dados foi realizada em uma comunidade terapêutica que acolhe adolescentes do sexo feminino em situação de vulnerabilidade no município de Marechal Deodoro, Alagoas. A população alvo do estudo foram adolescentes do sexo feminino, na faixa etária entre 11 e 18 anos incompletos, acolhidas a comunidade terapêutica.

Para questionamento das entrevistadas, foi utilizado o Inquérito Conhecimento, Atitude e Prática (CAP) com a finalidade de avaliar se elas conhecem a respeito do preservativo, se elas sabem como fazer uso e se elas realmente o utilizam na prática.

A aproximação com o lócus de pesquisa ocorreu durante o internato de Medicina da Família e Comunidade I, especificamente nas atividades de educação em saúde. Ressaltando que os alunos do internato realizam atividade educativa desde janeiro de 2020, e atualmente são realizadas 02 atividades educativas por semana. Dessa forma, foi percebida a necessidade de abordar sobre o uso de preservativos entre elas, visto que, muitas conheciam e sabiam da importância, mas não utilizavam por diversos motivos.

Como critérios de inclusão foram selecionados adolescentes da Comunidade Terapêutica Associação Paz em Cristo, com idade entre 11 e 17 anos de idade, que no período da coleta de dados estavam acolhidas no local. Foram excluídas as adolescentes que relataram não ter iniciado a vida sexual.

Após finalização da elaboração do projeto de pesquisa, o mesmo foi encaminhado para avaliação e recebeu a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob parecer nº 5.550.692.

Para que a adolescente pudesse ter acesso ao Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), primeiramente a responsável legal obteve acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e autorizou, por meio da assinatura do instrumento em duas vias, sendo uma via para os pesquisadores e uma para a participante, informando assim que a menor de idade tinha autorização para

participar da pesquisa.

Após a autorização e assinatura por meio do TCLE, seguiu para o convite e entrega do TALE para a adolescente, a qual foi explicada todos os passos da pesquisa e as informações contidas no próprio TALE e a mesma, caso tivesse aceitado participar do estudo, assinou o instrumento em duas vias, sendo uma via para os pesquisadores e uma para a participante. O instrumento de coleta de dados não foi aplicado até que todas as vias estivessem devidamente assinadas.

A coleta de dados foi realizada entre no mês de setembro de 2022. Os dados coletados foram registrados em fichas próprias e posteriormente, foram digitados em uma planilha Excel e analisados através de estatística descritiva em frequência absoluta e relativa. Os dados foram armazenados em arquivo no OneDrive e após 05 anos, será descartado.

Os riscos para o sujeito foram inerentes aos estudos com seres humanos, destacando-se o risco de constrangimento no momento de verbalizar sobre a temática relacionada a sua vida pessoal; o risco de cansaço pelo tempo de entrevista, assim como, o risco de vazamento dos dados coletados. Para minimizar tais riscos, o pesquisador adotou postura acolhedora e amigável, sendo ressaltada a importância da opinião e experiência da entrevistada acerca do uso de preservativo, bem como, sua plena autonomia de responder o que considerar apropriado.

Se ainda assim a adolescente tivesse se sentida constrangida ou cansada pelo tempo de entrevista, seria respeitada a posição de encerrar ou desistir de participar a qualquer momento, inclusive durante a entrevista. Acerca do risco de vazamento, ressaltou-se que apenas os pesquisadores vinculados ao projeto de pesquisa teriam livre acesso as entrevistas, assim como, para garantiu-se a confidencialidade dos dados e a privacidade foi utilizada a abreviatura do nome da participante utilizando a primeira letra.

Os benefícios encontrados foram destinados as adolescentes, aos pesquisadores e comunidade acadêmica, com

a exploração acerca de uma temática conhecida, porém pouco explorada, especificamente em comunidades terapêuticas, e a partir dos relatos, interpretação de dados e correlação com o conteúdo teórico encontrado, estratégias podem ser construídas com a finalidade de orientar sobre a importância do uso de preservativos a partir deste estudo, como também, novas pesquisas e objetos.

Além do que, para os pesquisadores foi válido conhecer as particularidades dos adolescentes em situação de vulnerabilidade, agregando assim no exercício da atividade de um profissional da saúde. Já para os adolescentes e equipe da comunidade terapêutica foi interessante adquirir novos conhecimentos a respeito do tema, evitando assim uma gravidez indesejada e a contaminação com Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs).

RESULTADOS

Do quantitativo total de participantes, 35 (83,33%) foram consideradas elegíveis após a aplicação dos critérios de inclusão e 07 (16,66%) foram inelegíveis por se encontrarem nos critérios de exclusão.

Dentre as entrevistadas, (68,57%) declararam-se heterossexual. Quase um quarto (22,86%) anunciou ser bissexual. Por fim, (8,57%) delas se identificaram como homossexual. A grande maioria (62,86%) declarou-se parda, seguida (20%) que se consideram pretas, (11,4%) brancas e (5,71) amarelas.

Apenas pouco mais da metade (57,14%) relatou estar estudando atualmente, sendo que a grande maioria (77,14%) possui o ensino fundamental incompleto. Todas as adolescentes apresentam o estado civil solteira. Acerca da religião, mais da metade (57,14%) são evangélicas, ficando em maior número (20%) as meninas que não possuem religião nenhuma e (20%) das católicas. Somente (2,86%) 1 adolescente declarou-se praticante de religiões de matrizes africanas.

Mais de um terço das entrevistadas

declarou a coitarca aos 12 anos de idade. As tabelas abaixo se referem aos conhecimentos, atitudes e práticas relacionadas ao preservativo.

Todas elas relataram já ter ouvido falar alguma vez a respeito do preservativo e apenas uma delas informou não saber para que sirva. A grande maioria (88,57%) relata já ter ouvido falar do preservativo masculino e feminino, sendo que apenas (11,43%) adolescentes alegaram ter conhecimento apenas do preservativo masculino isoladamente.

Do quantitativo total de adolescentes, (91,43%) afirmaram que o preservativo serve tanto para prevenir infecções sexualmente transmissíveis quanto a gravidez, (5,71%) referiram que serviria apenas para prevenir a gravidez e (2,86%) não soube informar qual seria a função do preservativo.

A maioria (28,57%) recebeu informações a respeito do uso do preservativo através do posto de saúde, seguido (25,71%) que adquiriram essa informação por meio da família, (20,00%) pela escola e (25,53%) pela televisão, amigos e por outras fontes.

Com relação ao quantitativo total de entrevistadas, (82,86%) adolescentes acham necessário o uso do preservativo no sexo vaginal, (5,71%) acharam o uso desnecessário e (17,14%) não opinaram. Em relação ao sexo anal, (68,57%) entrevistadas acreditam ser necessário o uso de preservativo, (5,71%) opinaram como desnecessário e (25,71%) não tem opinião sobre. Já referente ao uso no sexo oral, (48,57%) acham necessário, (17,14%) afirmam que o uso é desnecessário e (34,29%) não responderam.

Em relação ao uso do preservativo, (31,43%) participantes utilizam sempre, (28,57%) não utilizam nunca, (20%) na maioria das vezes e (20%) utilizam raramente. No que diz respeito a como utilizar, a maioria (68,24%) relatou fazer uso do início ao fim da relação sexual, (22,86%) não utilizam e (8,57%) fazem uso de outra maneira. Considerando as cinco últimas relações, (25,71%) utilizaram o preservativo em todas as vezes,

Tabela 01 – Caracterização das adolescentes da comunidade terapêutica. Marechal Deodoro, 2022.

Orientação sexual	N	%
Heterossexual	24	68,57%
Homossexual	3	8,57%
Bissexual	8	22,86%
Outros	0	0,00%
Raça/cor	N	%
Branco(a)	4	11,43%
Preto(a)	7	20,00%
Pardo(a)	22	62,86%
Amarelo(a)	2	5,71%
Indígena	0	0,00%

Fonte: Dados da Pesquisa, 2022.

Tabela 02 – Escolaridade. Marechal Deodoro, 2022.

Atualmente Estudando	N	%
Sim	20	57,14%
Não	15	42,86%
Escolaridade	N	%
Analfabeto	0	0,00%
EF incompleto	27	77,14%
EF completo	8	22,86%
Ensino médio completo	0	0,00%
Estado civil	N	%
Solteiro(a)	35	100,00%
Casado(a)	0	0,00%
Viúvo(a)	0	0,00%
Divorciado(a)/Separado(a)	0	0,00%
Mora junto/União estável	0	0,00%
Religião	N	%
Não possui religião	7	20,00%
Católica	7	20,00%
Evangélica	20	57,14%
Religiões de Matrizes Africanas	1	2,86%
Outros	0	0,00%

Fonte: Dados da Pesquisa, 2022.

(25,71%) na maioria das vezes, (14,29% na minoria das vezes e (34,29%) nenhuma vez.

DISCUSSÃO

Conforme Teixeira⁶ (2020), as comunidades terapêuticas surgiram na Europa no século passado e tinham como finalidade realizar um tratamento humanizado inicialmente a pacientes psiquiátricos, mas que depois se estendeu a dependentes de drogas e desprovidos de suporte social. Os pacientes ficariam reclusos em um ambiente em que estariam longe de seus vícios, interrompendo assim um estilo de vida nocivo que promoveria sua autodestruição. Nesse sentido, as comunidades terapêuticas vêm com a perspectiva de apoio aos adolescentes com transtornos causados pelo uso de drogas e álcool, além de tratar das questões relacionadas a violência física e sexual, cuidando de forma individualizada e capacitada⁷.

Acerca da caracterização do perfil das adolescentes acolhidas na comunidade terapêutica, as mesmas possuíam a faixa etária entre 11 e 17 anos de idade. Dentre as entrevistadas, 31,43% das entrevistadas são bissexuais ou homossexuais, portanto, vale fazer referência ao estudo de Lúcio⁸, importante por mostrar que muitas mulheres que se relacionam com outras mulheres acreditam, de maneira equivocada, que infecções sexuais ocorrem somente em relações heterossexuais, e acabam compartilhando brinquedos sexuais sem o uso devido do preservativo, transmitindo assim ISTs.

É notório que atualmente os jovens, incluindo a população LGBTQIA+, encontraram por meio da internet e dos aplicativos de relacionamento, uma ferramenta para encontrar outras pessoas em busca de contato afetivo e sexual. Porém, essa disponibilidade promoveu a ideia de sexo casual com maior facilidade, o que se traduz em maiores taxas de risco na ausência de uma consciência de prevenção e cuidado⁹.

O estudo identificou que 82,86% das

Tabela 03 – Início da vida sexual. Marechal Deodoro, 2022.

Coitarca	N	%
07 anos de idade	2	5,71%
08 anos de idade	0	0,00%
09 anos de idade	3	8,57%
10 anos de idade	2	5,71%
11 anos de idade	6	17,14%
12 anos de idade	12	34,29%
13 anos de idade	5	14,29%
14 anos de idade	4	11,43%
15 anos de idade	1	2,86%

Fonte: Dados da Pesquisa, 2022.

Tabela 04 – Conhecimento acerca do uso do preservativo. Marechal Deodoro, 2022.

#CONHECIMENTO	N	%
1) Você já ouviu falar sobre preservativo?		
Sim	35	100,00%
Não	0	0,00%
2) Você sabe para que serve o preservativo?		
Sim	34	97,14%
Não	1	2,86%
3) Sobre quais preservativos você já ouviu falar?		
Os dois (masculino e feminino)	31	88,57%
Só masculino	4	11,43%
Só feminino	0	0,00%
Nenhum	0	0,00%
4) Para que serve o preservativo?		
Para prevenir Infecções Sexualmente Transmissíveis e gravidez	32	91,43%
Só para prevenir gravidez	2	5,71%
Só para prevenir Infecções Sexualmente Transmissíveis	0	0,00%
Não sabe	1	2,86%
Para outras finalidades		
5) Onde obteve informações sobre o uso de preservativo?		
Escola	7	20,00%
Amigos	3	8,57%
Família	9	25,71%
Posto de saúde	10	28,57%
Televisão	3	8,57%
Redes sociais na internet	0	0,00%
Sites da internet	0	0,00%
Revistas	0	0,00%
Outros	3	8,57%

Fonte: Dados da Pesquisa, 2022.

jovens são pretas e pardas. Sendo válido ressaltar que no cenário brasileiro, os negros apresentam praticamente todos os indicadores de saúde piores quando comparado com os brancos, segundo o Boletim Epidemiológico de HIV/AIDS do Ministério da Saúde, publicado no final de 2019¹⁰.

O presente estudo corrobora com o estudo de Santos, Casco, Parker¹¹, com uma amostra de 175 pessoas, onde apenas 45% das mulheres negras utilizaram preservativo. Sendo que na faixa etária de 16 a 24 anos, o resultado foi pior ainda já que o uso de preservativos foi citado 16% das mulheres negras.

Acerca da escolaridade, pouco mais da metade (57,14%) relatou estar estudando atualmente e que a grande maioria (77,14%) possui o ensino fundamental ainda incompleto. As causas do abandono escolar expressam-se pela somatória de aspectos sociais, econômicos, familiares e educacionais, sendo a gravidez precoce e a necessidade de trabalhar para complementar a renda, os principais motivadores para a evasão escolar em famílias que estão em situação de vulnerabilidade. O fracasso estudantil colabora com a segregação social, visto que a escola não cumpre com o dever de promover o desenvolvimento do indivíduo como cidadão e proporcionar a visão crítica e moral para que lide adequadamente com pessoas e desafios do futuro¹².

Embora todas as adolescentes do estudo apresentem-se com o estado civil solteira, as mulheres casadas são as que menos utilizam proteção no ato sexual pelo simples fato de confiar seu no parceiro¹³. A condição de solteira também foi a mais encontrada no estudo de Viana¹⁴, que traçou o perfil epidemiológico da gravidez na adolescência e fatores associados no município de Pinheiro-MA, sendo representado por 82% entre as mulheres de 10 a 14 anos e 72% entre as de 15 a 19 anos, colocando em questão o abandono da figura do companheiro durante a gestação.

Ao analisar as informações obtidas acerca da religião, 57,14% das adolescen-

Tabela 05 – Atitudes acerca do uso do preservativo. Marechal Deodoro, 2022.

#ATITUDE		
1)Uso de preservativo no sexo vaginal	N	%
É necessário	29	82,86%
É desnecessário	2	5,71%
Não tem opinião / Não respondeu	6	17,14%
2)Uso de preservativo no sexo anal	N	%
É necessário	24	68,57%
É desnecessário	2	5,71%
Não tem opinião / Não respondeu	9	25,71%
3)Uso de preservativo no sexo oral	N	%
É necessário	17	48,57%
É desnecessário	6	17,14%
Não tem opinião / Não respondeu	12	34,29%

Fonte: Dados da Pesquisa, 2022.

Tabela 06 –A prática do uso do preservativo. Marechal Deodoro, 2022.

#PRÁTICA		
1) Utiliza o preservativo durante as relações sexuais?	N	%
Sempre	11	31,43%
Nunca	10	28,57%
Na maioria das vezes	7	20,00%
Raramente	7	20,00%
Não quis responder	0	0,00%
2)Como você utiliza o preservativo?	N	%
Somente no final da relação sexual	0	0,00%
Do início ao fim da relação sexual	24	68,57%
Não utilizo preservativo	8	22,86%
Outros	3	8,57%
3)Nas últimas cinco relações sexuais, com qual frequência o preservativo foi usado?	N	%
Em todas as últimas 5 relações sexuais	9	25,71%
Na maioria das vezes (3 ou 4 vezes)	9	25,71%
Na minoria das vezes (1 ou 2 vezes)	5	14,29%
Em nenhuma vez	12	34,29%

Fonte: Dados da Pesquisa, 2022.

tes são evangélicas. Estudos sugerem que muitos líderes religiosos evangélicos não valorizam o uso de preservativo durante as relações sexuais, pois segundo essas concepções, se os fiéis estiverem dentro das normas monogâmicas da igreja, não há motivos para utilização de preservativos nas relações sexuais¹⁵.

Dentro de uma perspectiva de prevenção e proteção, é importante que os pais, profissionais de saúde e toda a sociedade, inclusive os adolescentes, reconheçam a religião como fator mediador para a adoção de hábitos saudáveis, sendo interpretada como um possível determinante de bons comportamentos¹⁶.

Com relação ao início da atividade sexual, os resultados mostraram uma variação entre 07 e 15 anos de idade, e a idade mais prevalente foi aos 12 anos, com (34,29%) das meninas. Em comparação com outro estudo que teve uma variação entre 9 a 19 anos, sendo aos 16 e 17 anos a faixa etária mais prevalente¹⁷. Revelando dessa forma, uma precocidade ainda mais notória nas adolescentes do presente estudo. Vale ressaltar que a lei nº 12.015/2009 do Art. 217-A¹⁸ caracteriza como estupro de vulnerável a conjunção ou praticar outro ato libidinoso com menores de 14 anos.

A antecipação da vida sexual das adolescentes pode sugerir que a iniciação ocorreu devido ao meio onde elas estavam inseridas, vítimas de violência sexual e marginalizadas da sociedade, aumentando dessa maneira a exposição às IST, gravidez precoce e consumo de drogas ilícitas e lícitas. Esse cenário revela um problema grave de saúde pública, expondo a fragilidade das medidas estratégicas de promoção e prevenção em saúde reprodutiva e sexual, refletindo assim negativamente na vida dessas jovens¹⁹.

No tocante conhecimento sobre preservativo, foi notado unanimidade em relação conhecer, apenas uma adolescente não sabia a finalidade, além de que (28,57%) obteve informação através do posto de saúde, seguido de (25,71%) no meio familiar e (20%) na escola, expondo a importância da saúde pública, es-

trutura família e escolar. De acordo com Machado²⁰, atualmente o preservativo é o método de contracepção mais popular, junto com o coito interrompido e depois as pílulas de anticoncepcionais, entretanto os adolescentes podem encontrar dificuldades ao conhecimento, muitas das vezes pelo meio onde está inserida. Porém é necessário que na oportunidade de orientar sobre contracepção, apresentar todos os métodos disponíveis e suas finalidades.

As atividades educativas têm papel fundamental para orientação das adolescentes, visto que através das ações, pode ser despertado interesse pelo tema, propiciando acesso a informações seguras e suficientes sobre o uso de preservativos, sanar dúvidas, compartilhar vivências, colaborando assim para o processo de aprendizagem e consequentemente beneficiando a saúde, amenizando as ISTs e gravidez indesejável²¹. As ações realizadas pelos internos na comunidade de estudo, têm mostrado resultados positivos, visto que muitas meninas compartilharam suas vivências e mostraram maior conhecimento após as atividades educativas, as quais relatam mudança com relação ao conhecimento e atitude com relação ao preservativo.

Com relação a atitude sobre o uso do preservativo, (82,86%) responderam que era necessário o uso no sexo vaginal, (68,57%) no sexo anal e (48,57%) no sexo oral. Evidenciando assim que, a atitude e a prática estão atreladas com o conhecimento, podendo influenciar em implicações indesejáveis devidos ao conhecimento insatisfatório e incoerente ou até mesmo pelo uso errado do dispositivo.

No âmbito do uso do preservativo, 31,43% sempre utilizam, 28,57% nunca usaram e 68,57% utilizam do início ao fim da relação sexual. Já quando questionadas a respeito da frequência nas últimas 5 relações sexuais a maioria (34,29%) afirmaram não ter usado nenhuma das vezes. Já em outro estudo com 195 adolescentes de escola pública em Maranhão, (91,3%) utilizam o pre-

servativo em todas as relações sexuais. Apesar de a maioria saber dos benefícios do preservativo, ainda existe uma resistência com relação ao uso. Isso pode ser resultado de se relacionar com pessoas mais velhas, por viver violência sexual, pelo parceiro não gostar de usar, pela imprevisibilidade da relação e entre tantos outros fatores²².

De acordo com o Ministério da Saúde, o preservativo é o método contraceptivo mais eficiente e seguro, o qual inviabiliza também a transmissão de ISTs. Além disso, é o dispositivo mais conhecido entre os adolescentes. Entretanto, conhecer não significa possuir informações completas e suficientes sobre o uso correto, podendo de essa forma justificar a dificuldade e a resistência da sua utilização entre os jovens²³.

A não adesão do uso do preservativo pode estar relacionada a diversos fatores que impactam de maneira direta no aumento do risco à saúde sexual dos adolescentes, como as precocidades da primeira relação sexual, violência sexual, usam de drogas ilícitas e lícitas, vulnerabilidade social, confiança e multiplicidades de parceiros²⁴.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, identifica-se que diversos fatores contribuem para o conhecimento, atitude e prática do uso do preservativo, como o início precoce atividade sexual, o nível de escolaridade incompleto, o meio vulnerável onde as adolescentes estavam inseridas antes da comunidade terapêutica, onde a maioria vivia violência sexual, possuíam múltiplos parceiros e eram usuárias de drogas ilícitas e lícitas.

O estudo comprava a necessidade e a importância das ações educativas realizadas por meio dos estudantes de medicina, a fim de atenuar o problema e orientar as adolescentes sobre sexualidade de forma segura e satisfatória, na tentativa de amenizar as ISTs e gravidez precoce, além de fornecer apoio biopsicossocial em razão aos traumas vivenciados por

grande parte das jovens.

Ressalta-se a importância das ações de promoção da saúde e prevenção de doenças a fim de minimizar os possíveis riscos a saúde. Para além, se faz necessário o rastreio para possível diagnóstico precoce e

tratamento, visando uma melhor qualidade de vida diante das particularidades existentes.

Sugerem-se novos estudos de abordagens metodológicas distintas para melhor compreensão dos fatores que impac-

tam na escolha do uso de preservativos e as fragilidades concernentes a sua utilização em todas as práticas sexuais voltadas ao público adolescente.

REFERÊNCIAS

1. Aragão JMN, Sousa FWM, Oliveira EM, Vasconcelos MIO. Conhecimento, atitude e prática de adolescentes escolares em relação ao uso do preservativo masculino. *Rev. Enferm. Contemp.* 2021;10(1). Available from: <https://doi.org/10.17267/2317-3378rec.v10i1.3446>.
2. Alves LGS, Holzmann APF, Cardoso L, Aguiar BM, Souza RB, Neto PH. Adesão ao preservativo nas práticas sexuais de adolescentes privados de liberdade. *Braz. J. Hea. Rev.* 2020; 3(5);11615-11623. Available from: <https://doi.org/10.34119/bjhrv3n5-020>.
3. Rodrigues VCC, Lope GF, Silveira GEL, Sousa IB, Sena MM, Lopes TSS, Aquino PS. Fatores associados ao conhecimento e atitude de adolescentes quanto ao uso de preservativo masculino. *Rev. Bras. Enferm.* 2021; 74(4). Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0452>.
4. Carmo ME, Guizardi FL. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. *Caderno de Saúde Pública:Rio de Janeiro.* 2018; 34(3). Available from: <https://www.scielo.br/j/csp/a/ywYD8gCqRgG6RrNmsYn8WHW/?lang=pt&format=pdf>.
5. De oliveira MLC. Conhecimento, atitude e prática: conceitos e desafios na área de educação e saúde. *Revista Educação em Saúde.* 2020; 8 (1): 190-198. Available from: <https://doi.org/10.29237/2358-9868.2020v8i1.p190-198>.
6. TEIXEIRA PC. Adolescência e sentidos subjetivos sobre dependência de drogas em uma comunidade terapêutica [Dissertação Mestrado]. Paraná: Universidade Federal do Paraná; 2020.
7. Pedron CBW, Buchele F. Comunidade Terapêutica para Adolescentes: uma revisão sistemática de literatura entre 2002 e 2013. *Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Droga: Ribeirão Preto.* 2016;12(1); 48-57. Available from: <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.v12i1p48-57>.
8. Lúcio FPS, Zerbinati JP, Bruns MAT, Souza-leite CRV. Saúde sexual da mulher lésbica e/ou bissexual: especificidades para o cuidado à saúde e educação sexual. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação.* 2019; 14(2); 1465-1479. Available from: [10.21723/riaee.v14iesp.2.12611](https://doi.org/10.21723/riaee.v14iesp.2.12611)
9. Nogueira FJS, Barbosa NVN, Alves MA, Rodrigues MG. Educação sexual nas escolas: Um desafio para profissionais da saúde e educação. *Rev. Bra. Edu. Saúde.* 2020;10(3); 146-155. Available from: <https://doi.org/10.18378/rebes.v10i3.7947>
10. Figueiredo SC, Souza FG, Bezerra AL, Oliveira AM, Barbosa SB, Gondim IO. Uma realidade do HIV/AIDS por diferentes cores: um panorama da efetividade das políticas públicas na população negra. *Revista Convibra.* 2020. Available from: https://convibra.org/congresso/res/uploads/pdf/artigo21690_20201105.pdf.
11. Santos AO Casco R, Parker RG. Jovens religiosos negros e brancos: sexualidade e prevenção ao HIV/AIDS. *Mandrágora.* 2015;21(2);135-157. Available from: <https://repositorio.usp.br/item/002764022>.
12. Rehbein EC, Pereira MK, Berwanger V, Carlesso JPP, Jaeger FP. A evasão escolar na adolescência sob o olhar da psicologia: revisão de literatura. *Disciplinarum Scientia: Santa Maria.* 2021;17 (1);139-156. Available from: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarum-SA/article/view/3868>.
13. Nogueira FJS, Saraiva AKM, Ribeiro MS, Freitas NM, César RCF, Mesquita CAM. Prevenção, risco e desejo: estudo acerca do não uso de preservativos. *Revista Brasileira Em Promoção Da Saúde.* 2018;31(1);1-8. Available from: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=40854841023>.
14. Viana GY. Perfil epidemiológico da gravidez na adolescência e fatores associados no município de Pinheiro de 2006 a 2016 [tese]. Pinheiro: Universidade Federal do Maranhão; 2019.
15. Duarte AJO. Religião e comportamento sexual: concepções cristãs sobre sexualidade. *Relegens thréskeia estudos e pesquisa em religião.* 2017; 6(1); 74-98. Available from: <https://dx.doi.org/10.5380/rt.v6i2.54134%20>.
16. Adão CA, Harrison WA. Psicologia e religião: o impacto da religiosidade na vida de adolescentes. *Revista Científica Cognitionis.* 2021; 5(2) 138 – 153, 2021. Available from: <https://doi.org/10.38087/2595.8801.160>
17. Maranhão TA, Gomes KRO, Oliveira DC, Neto JMM. Repercussão da iniciação sexual na vida sexual e reprodutiva de jovens de capital do Nordeste brasileiro. *Ciência & Saúde Coletiva.* 2017; 22; 4083-4094, Available from: <https://doi.org/10.1590/1413-812320172212.16232015>.
18. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde. Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem. Brasília (DF); 2010.
19. Spinola MCR, Bêria JU, Schermann LB. Fatores associados à iniciação sexual em mães de 14 a 16 anos em Porto Alegre/RS, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva.* 2017; 22; 3755-3762. Available from: <https://doi.org/10.1590/1413-812320172211.00082016>.
20. Machado RB. Anticoncepção na adolescência. In: *Necessidade específicas para atendimento de pacientes adolescentes. Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO):* 2018. p. 1-8.
21. Franco MS, Barreto MTS, Carvalho JW, Silva PP, Moreiras WC, Cavalcante MC, Silva DFC, Lima LHO. Educação em saúde sexual e reprodutiva do adolescente escolar. *Revista de enfermagem.* 2020;14;1-8. Available from: <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2020.244493>.
22. Carvalho GRO, Pinto RGS, Almeida LM, Santos MS. Atitudes de adolescentes de escolas públicas acerca do uso do preservativo: um estudo descritivo. *Revista Baiana de Saúde Pública.* 2019; 43(3):487-501. Available from: <https://doi.org/10.22278/2318-2660.2019.v43.n3.a2765>.
23. Miranda CTAS, Beretta D, Gimenes G. Métodos contraceptivos: dificuldades de adesão no período da adolescência. *Ensaio USF:Brasil.* 2021; 5(2). Available from: <https://doi.org/10.24933/eusf.v5i2.177>.
24. Moreira GBC, Martins GBBSM, Péret ISA, Pires LCS, LFC, Santos LI. Adolescentes e as infecções sexualmente transmissíveis: comportamentos de risco e fatores contextuais que contribuem para o aumento da incidência no Brasil. *Revista Interdisciplinar Ciências Médicas.* 2021; 5 (1); 59-66. Available from: <http://revista.fcmmg.br/ojs/index.php/ricm/article/view/442/110>.